

FEMINILIDADE E PATOLOGIZAÇÃO DOS AFETOS¹

Ana Paula Marcelino da Silva- UFPB/BR

RESUMO: Este trabalho põe em diálogo as performatividades de gênero no campo afetivo e a saúde mental das mulheres, a partir da análise de depoimentos em um grupo do Facebook chamado *MADA...Mulheres que Amam Demais Anônimas*. O grupo é uma versão online dos grupos homônimos de ajuda mútua que existem no Brasil desde o ano 2000, baseados no livro *Women Who Loves Too Much*, de Robin Norwood. Para entender como as relações de gênero também fazem parte do conjunto de práticas rituais ou simbólicas que Hobsbawn e Ranger classificaram como “tradições inventadas”, e como essas práticas influenciam diretamente o processo de adoecimento das MADA, analisamos os depoimentos e comentários nas publicações do grupo. A forma como a repetição de determinadas normas de comportamento feminino cria um arcabouço de expectativas em torno da “função” da mulher na sociedade é determinante para o surgimento de uma MADA, pois, se de um lado temos uma dinâmica social incessante de uma busca por autonomia, de outro temos a necessidade que essas mulheres têm de respaldar as práticas milenares que limitam sua autonomia. A dinâmica do MADA é baseada nos 12 passos dos Alcoólicos Anônimos. De acordo com o site oficial do grupo, são realizadas reuniões presenciais para que as mulheres compartilhem suas experiências num tempo determinado. No entanto, diferentemente do alcoolismo, o “amor patológico” não é uma doença clinicamente reconhecida, mas a forma que essas mulheres encontraram para caracterizar seu sofrimento. No caso do grupo online, a discussão é mais complexa, visto que há uma “liberdade” maior de participação no grupo. Apesar disso, o objetivo é semelhante ao do grupo físico. Para uma MADA, os dispositivos de controle que a medicina estabeleceu ao longo de séculos servem ora como instrumentos para um “autodiagnóstico”, e com isso reforçam o controle ao qual foi sempre submetido o corpo feminino; ora como ferramenta para que as próprias mulheres deem sentido ao seu sofrimento, num movimento de autonomia que ultrapassa as perspectivas do campo médico-psicológico. Tomaremos a noção de dispositivo amoroso que, conforme a definição de Navarro-Swain, se insere como elemento adicional para pensar as relações de poder através do dispositivo da sexualidade, de Foucault. A análise dos

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

depoimentos na página do MADA a partir de uma perspectiva antropológica nos leva a problematizar até que ponto, em pleno século XXI, nós, mulheres, ainda somos controladas por normas de comportamento socialmente construídas que causam sofrimento. Todavia, ao mesmo tempo, grupos como o MADA são exemplos de práticas de autoatenção e cuidado cada vez mais importantes para compreender a perspectiva social de transtornos mentais, tenham eles ou não respaldo médico-psicológico.

Palavras-chave: Feminilidade; saúde mental; gênero.

Abstract: This work discusses gender performativity in the affections field and women's mental health through the analysis of the testimonials shared on a *Facebook* social group called "MADA" - *Mulheres Que Amam Demais Anônimas* (Women Who Love Too Much Anonymous), an online version of the homonymous mutual help groups that have been in Brazil since 2000, relied on the book *Women Who Love Too Much*, by Robin Norwood. In order to understand how gender relations are part of ritualistic or symbolic practices, classified by Hobsbawn and Ranger as "invented traditions", and how such patterns directly influence these females' sickening process, we analyze the group's testimonials and comments. The way in which the repetition of certain norms to the female behavior creates an expectational frame around women's role in society is a major factor to a MADA woman's emergence, as, while there is an incessante social dynamic in relation to seeking autonomy, there is also a need for these females to support millenary autonomy-limiting practices. MADA's fellowship dynamics is based on Alcoholics Anonymous' 12 steps. According to the MADA's official website, they have face-to-face meetings so females can share their experiences within a given time. However, different from alcoholism, "pathological love" is not a clinically-recognized illness, it is rather the way these women have found to characterize suffering. In relation to the Facebook MADA community, the discussion is more complex, since there is a greater sense of "freedom" in engaging in the group. Notwithstanding, its aims are similar to the physical community's ones. To a MADA woman, the controlling *apparatus* set by medicine throughout the centuries serve either as an instrument toward self-diagnosis, which reinforce the control to which the feminine body has always been subjected to; or as a tool for women to provide meaning to their own suffering, in a autonomy movement that exceeds any perspectives of the psychological-medical field. We will use the concept of love device, which, according to Navarro-Swain's definition, comes as an additional element to consider power relations through Foucault's sexuality *dispositif*. Analyzing the testimonials on MADA's page from na

anthropological outlook lead us to problematize to what extent, in the 21st century, we, women, are still tied to socially constructed norms that cause us torment. Nonetheless, simultaneously, groups like MADA are examples of self-awareness and self-care practices' growing importance in order to understand a social perspective on mental illnesses whether they have a psychological-medical support or not.

Key-words: Femininity; mental health; gender.

Desde o surgimento dos Alcoólicos Anônimos (AA) nos anos 1930 nos EUA, a dinâmica dos grupos de ajuda mútua passava a integrar as práticas e conhecimentos relacionados ao processo de adoecimento mental. Nesse caso, os 12 passos para a reabilitação estavam aliados a um reconhecimento médico posterior de que o alcoolismo – síndrome da dependência do álcool - era uma doença – CID 10/DSM IV - e que, como tal, possuía determinantes sociais que precisavam ser considerados e entendidos a partir da ótica dos membros das pessoas afetadas.

O surgimento do grupo de ajuda mútua MADA² – Mulheres que Amam Demais Anônimas - é mais recente e data de meados dos anos 1990 no Brasil. Ao comparar a dinâmica entre esses dois grupos é possível observar semelhanças mas, principalmente, diferenças determinantes a respeito das performatividades de gênero e da perspectiva patológica relacionada ao reconhecimento de seus membros.

A dicotomia subjacente às performatividades de gênero que diferencia uma MADA de um AA tem raízes no racionalismo moderno. De acordo com Guiddens (1993), a emergência de uma cultura individualista veio atrelada à noção de amor romântico que, por sua vez, dependia do reconhecimento contínuo do outro para se concretizar. É nesse instante, segundo o autor, que o *ethos* romântico se instala na mulher. Seguindo essa linha de raciocínio, o “sujeito MADA” é uma mulher em busca de uma explicação para o sofrimento oriundo apenas do fato de ser mulher. Mas, sabemos que esse “ser” é produzido a partir de convenções sociais específicas. Esse sofrimento é o fardo que ela carregou desde sempre por ter nascido mulher e ter que ser a mãe, a esposa, a tia ou quaisquer outros desses sujeitos responsáveis pelo cuidado com o outro. Nesse sentido, proponho entender cuidado como fazendo parte do que Hobsbawm e Ranger (2008) definiram como “tradições inventadas”, pois constitui um todo simbólico

² A sigla MADA será utilizada ao longo do trabalho para se referir tanto ao grupo, quanto à identidade de suas integrantes.

construído socialmente que responsabiliza a mulher pela manutenção harmoniosa do grupo social.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBBSAWN & RANGER, 2008, p. 9).

Esse arcabouço de práticas simbólicas³ em torno do sujeito mulher aparece de forma institucionalizada, como, por exemplo, na figura das profissionais de enfermagem, profissão majoritariamente composta por mulheres até hoje; mas também na família e nos seus vários laços que, caso sejam desatados ou rompidos, automaticamente responsabilizam a mulher pelo ocorrido. A periodização das tradições funciona como uma forma de resgate de um passado que não deve ser esquecido pois carrega consigo uma “presença” necessária para manter delimitados os lugares socialmente determinados para homens e mulheres. Por isso, a potência simbólica de datas comemorativas como o dia das mães, por exemplo.

No entanto, a manutenção dessa tradição passa a ser completamente inviabilizada pelo individualismo extremo contemporâneo. Essa “nova etapa” de desenvolvimento do indivíduo em que a necessidade de autonomia é levada ao extremo entra em choque com elementos ainda muito pungentes das tradições em torno do sujeito mulher. É aqui que o sofrimento se instala e surge a figura da MADA. A dificuldade em se desprender de relações muitas vezes abusivas, e que não ficam restritas ao par “marido-mulher”, adoce essas mulheres. A dor de uma MADA é essencialmente psíquica, e é a partir do reconhecimento de que ela existe como tal que é possível ir atrás de uma reabilitação que, em certa medida, insere a mulher nesse contexto da individualização.

³ Essas práticas são semelhantes ao que Navarro-Swain (2009) classificou como componentes do “dispositivo amoroso”. Na compreensão da autora, esse dispositivo aparece nas entrelinhas do que Foucault (1978) chamou de “dispositivos da sexualidade” que, por sua vez, constituem o conjunto de práticas em torno da “vontade de saber” sobre o sexo. Para a autora, o caso das mulheres é singular, pois “(...)poder-se-ia seguir sua genealogia nos discursos – filosóficos, religiosos, científicos, das tradições, do senso comum – que instituem a imagem da ‘verdadeira mulher’, e repetem incansavelmente suas qualidades e deveres: doce, amável, devotada (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e sobretudo, amorosa. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si. O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário.” (NAVARRO-SWAIN, 2009).

Neste trabalho apresentaremos os resultados de uma pesquisa de campo realizada de forma remota através da observação da dinâmica de dois grupos do Facebook direcionados às MADA. Inicialmente, a pesquisa havia sido pensada para funcionar como uma espécie de suporte – ou ensaio - em relação à pesquisa que seria realizada presencialmente no Grupo MADA da cidade de João Pessoa/PB. No entanto, diante da situação extraordinária provocada pela pandemia de Covid-19, foi necessário um redirecionamento, que acabou revelando questões bastante significativas e intrigantes ao longo da pesquisa. Mas, até que ponto é possível falar em mútua ajuda em se tratando desses grupos formados nas plataformas digitais? É possível identificar elementos semelhantes aos que aparecem nos grupos presenciais?

A lógica dos grupos MADA

A importância dos grupos de ajuda mútua para os processos de adoecimento psíquico relacionados a uma condição patológica é indiscutível, seja essa condição do indivíduo que procura um grupo ou de um familiar ou cuidador que também sofre diante da condição de um ente querido, como no caso dos cuidadores de pessoas diagnosticadas com Alzheimer. O compartilhamento de um sofrimento comum cria um ambiente de segurança em que é possível externalizar as dificuldades relacionadas ao muitas vezes doloroso - em muitos sentidos - processo de tratamento da doença, como no caso de pacientes com câncer de mama (SOSTER; NEUMANN; CARDOSO, 2011). Também é exemplar nessa discussão o caso dos dependentes de substâncias entorpecentes pois, ao identificar que seu problema é compartilhado por outras pessoas, o indivíduo consegue estabelecer vínculos sociais que não seriam possíveis sem que a lógica da dádiva que perpassa esse contexto, tivesse sido estabelecida.

Para Godbout (1999), o modo de funcionamento dos grupos de ajuda mútua rompe com os padrões de troca na sociedade atual. Nesse sentido, compartilhar o sofrimento é uma espécie de subversão diante da forma como estão estruturadas as relações sociais hoje em dia, cada vez mais atomizadas. O ritual em torno das regras e dos 12 passos compõe um todo simbólico que unifica e agrega sujeitos em situação de sofrimento psíquico cujas causas são semelhantes.

É interessante observar como esse rompimento com a lógica do pensamento individualista ocidental - que coloca as emoções na seara de uma “singularidade psicológica individual” (PEIXOTO; HEILBORN, 2016). Mas, ao mesmo tempo em que restabelece a solidariedade através da dádiva, reforça noções como a de “amor-próprio”, que por vezes cria tensões e acaba contribuindo para o processo de individualização desse sujeito. No caso das

MADA, isso pode levar à “recaídas” constantes, visto que o problema no fim das contas é eminentemente social.

Uma breve revisão bibliográfica acerca da dinâmica dos grupos do MADA em diversas regiões do Brasil revela elementos significativos para entender como a suposta doença e o determinante que a perpassa reagem à lógica de funcionamento que caracteriza esse tipo de intervenção. Silva (2018) mostra como as estratégias e práticas que regulam o funcionamento dos grupos MADA revelam uma intencionalidade bastante clara em direção às mudanças nos comportamentos identificados por aquelas mulheres como destrutivos e sintomáticos de um adoecimento que está comprometendo a capacidade dessas mulheres de se relacionarem socialmente. A quebra dos vínculos sociais vai além de uma possível relação dual entre marido e mulher ou ainda mãe e filho, mas inviabiliza em muitos casos qualquer tipo de relacionamento, isolando a mulher de seu meio social. Estando o seu mundo centrado na necessidade de reconhecimento e de proteção contínua de determinada pessoa (ou pessoas), todo seu círculo social fica comprometido. A principal chave para o entendimento do que significa ser MADA é a dependência e, nesse sentido, a proximidade com o AA adquire é parcialmente explicada, ainda que existam diferenças significantes.

Ferreira (2012), destaca a autonomia do MADA com relação a outros grupos anônimos como o DASA - Dependentes de Amor e Sexo Anônimos - e o CODA - Co-dependentes Anônimos. Esses outros grupos ainda possuem forte vinculação com suas organizações matriciais, concentradas principalmente nos EUA. Já o MADA, no caso do Brasil, surgiu por causa da popularidade atingida pelo livro homônimo no início dos anos 1990. A organização desses grupos, que é bastante regionalizada, está também fortemente vinculada aos 12 passos elencados por Norwood(2002), é mais flexível e permite a inclusão da literatura posterior relacionada à temática do grupo.

Finalmente, “religiosidade secularizada” (SILVA, 2015, p. 83) também é um fator importante sobre os grupos MADA no Brasil, visto que muitos desses grupos funcionam em salas cedidas por paróquias ou outras instituições religiosas. Além do espaço, a autora destaca que a consciência em um “poder superior” vai além dos 12 passos e aparece também na forma de preces de auxílio diante de seu sofrimento. É interessante notar como, a todo momento, discursos que teoricamente dicotômicos - como autonomia e religiosidade - acabam sendo arrançados no intuito de promover a volta dessas mulheres a uma situação de bem-estar físico, mas, sobretudo, mental.

“Mulher não desiste, se cansa”: o gênero, a dádiva e o digital

Estou desesperada, ainda não tenho coragem de me separar, mais foi aqui no grupo que descobri que estou doente, é tão difícil aceitar isso! (Relato de participante de um dos grupos em 09 de maio de 2020).

Esta pesquisa compreendia inicialmente a observação de um grupo de *Facebook* composto por cerca de mil e cem mulheres que se identificavam com a temática em torno das MADA e/ou se entendiam enquanto tal⁴. Nos sete meses - de fevereiro a agosto de 2020 - de observação (não) participante⁵ do grupo foi possível identificar similaridades situacionais em relação à percepção das participantes do que era ser MADA e de como, a partir do momento em que começaram a integrar o grupo, foi possível compreender a situação pela qual estavam passando e procurar ajuda.

A pesquisa também mostrou a recorrência de alguns termos que as ajudavam a simbolizar seus sentimentos. Dependência afetiva, relacionamento abusivo, falta de amor-próprio estão dentre os principais termos que elas usam para se referir aos seus relacionamentos. A dependência afetiva na maioria dos casos vinha atrelada à dependência financeira que, para algumas delas, se sobrepõe diante da ponderação de seguir ou não com aquele relacionamento.

*Foi assim q eu vivi durante mais de 10 anos. Me curava e voltava pra aquilo que me fez mal. Me feria de novo. Me Curava de novo. Voltava por não aguentar ficar longe. Vivi um inferno. Até q ele mesmo chegou ao ponto de me dizer q eu ã merecia aquilo e me deixou. Insegura e **frustrada como mulher**. Pensei várias vezes em me matar, tamanho era o vazio q eu sentia. (Relato de participante de um dos grupos em 14 de agosto de 2020, grifo nosso).*

⁴ Por volta do quarto mês de pesquisa, o grupo passou ter postagens diárias exclusivamente sobre a oferta de um serviço autodenominado “mentora de mulheres”. Nesse momento, a pesquisa precisou ser redirecionada a um grupo maior - de cerca de nove mil membros.

⁵ O termo “(não) participante” foi usado no sentido de que a pesquisadora não entrevistava nas conversas estabelecidas nos comentários relacionados às postagens das participantes do grupo. No decorrer da pesquisa, uma espécie de “reflexão autoetnográfica” levou a uma forma de interação a partir das reações possibilitadas pela plataforma na parte inferior esquerda abaixo das postagens e comentários.

Nesses casos, eram bastante comuns os relatos de violência física e psicológica provocadas por seus companheiros e, conseqüentemente, os comentários sugerindo que as mulheres violentadas denunciasses seus agressores.

Ele me bateu, mentiu, é dependente químico, desempregado, preguiçoso, folgado ,sem caráter e outras mais ... Me pergunto porquê estou triste com o fim? Fomos casados a 10 anos e temos um filho lindo. Estou me sentindo péssima ,choro o tempo todo,muitas das vezes escondido por ter vergonha de sofrer por um ser desse tipo . São 7 dias sem contato. (Relato de uma participante de um dos grupos pesquisados em 29 de junho de 2020).

A expressão “relacionamento abusivo” é a forma mais geral que elas usam para caracterizar todos os elementos que levaram ao adoecimento, que passa a ser percebido como algo provocado, intencionalmente, pelas atitudes dos seus companheiros. Essas atitudes vão desde traições explícitas, comportamento hostil em relação às suas companheiras ou algum tipo de violência, conforme já explicitamos. Aqui, é recorrente o apontamento da figura do “narcisista”, pois, segundo elas, as atitudes de seus companheiros se encaixam dentro do que a psiquiatria entende por transtorno de personalidade narcisista.

Já “amor-próprio” sempre aparece como elemento necessário durante e depois do processo de reabilitação. Aqui, uma espécie de autorreconhecimento é engendrado para que a mulher consiga perceber suas qualidades e sua capacidade de sair dessa situação.

Na composição do processo de reabilitação para uma MADA, é considerado essencial reconhecer que existe um problema na forma como elas conduzem seus relacionamentos. O afeto exagerado e que acaba se sobrepondo às situações de violência é tido como uma característica do feminino. Ainda assim, é possível perceber que a unidade do grupo provém da percepção de que apenas outra mulher compreende e pode ajudar na situação. Atrelada à essa ideia de adoecimento muitas delas relatam o diagnóstico médico de outros transtornos como transtorno de personalidade limítrofe (ou transtorno de personalidade borderline), transtorno bipolar (ou transtorno maníaco depressivo) e, na maioria dos casos, depressão. A orientação para a busca de “especialistas psi” é compartilhada nos diálogos estabelecidos entre

as participantes do grupo, mas, na maioria dos casos, vem acompanhada de sugestões para que a mulher adoecida busque também o auxílio de grupos religiosos.

Outro elemento importante na dinâmica dos grupos de MADA no *Facebook* são as imagens que acompanham algumas postagens. As imagens montadas lado a lado, do tipo “antes e depois”, sempre geram bastante movimentação no grupo. Aqui, é possível perceber que, mesmo que existam perdas que alteram significativamente o funcionamento e a intencionalidade de um grupo de ajuda mútua, uma espécie de lógica da dádiva é estabelecida pelos elogios e felicitações a respeito da mudança ocorrida na vida de uma MADA em recuperação. Na perspectiva de uma “etnografia para a internet” (HINE, 2015), a análise da utilização de imagens no grupo funciona como uma espécie de *embodiment* (ESTEBAN, 2004, p. 3) diante da impossibilidade de que os corpos estejam interagindo presencialmente.⁶

Para Hine (2015), o desafio de uma etnografia para o digital está em perceber que a internet é um fenômeno “permeado, encorpado e cotidiano”, logo, esse tipo de pesquisa não elimina a pesquisa face a face, mas reconhece que cada vez a internet é um espaço de “performatividade” dos sujeitos pesquisados e, em muitos casos, até facilita a expressão de determinados sentimentos que não apareceriam em situações “olho no olho”. Essa constatação apenas reitera o que a própria história do método etnográfico conta, pois, se queremos entender a lógica de determinado grupo, é preciso acompanhar os espaços ocupados por seus integrantes, ainda que essa espacialidade de fato não exista concretamente, como no caso das plataformas digitais.

(...) é correto dizer que aplicar uma abordagem etnográfica à internet requer alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades on-line produzem sentido. Os etnógrafos são pessoas flexíveis que desenvolvem seus métodos em resposta aos contextos em que se encontram e cada estudo é, por isso, único em sua abordagem. (HINE, 2015, p. 170).

A dimensão “incorporada” da internet aponta para o caráter autoetnográfico das pesquisas no digital e o caso do MADA é exemplar nesse sentido. Como usuária da rede social, a pesquisadora é e não é parte do grupo, pois ao mesmo tempo em que compartilha a condição

⁶ Algumas participantes do grupo relataram a impossibilidade de acesso às reuniões dos grupos do MADA espalhados pelo país. Ainda que esteja em praticamente todos os estados, os grupos se concentram nas capitais e regiões metropolitanas em especial da região Sudeste do Brasil.

de ter um perfil na plataforma, não se identifica como uma MADA, conforme deixou claro ao responder um pequeno questionário que antecede a aceitação no grupo.

Mas, das três dimensões elencadas por Hine (2015), a cotidianidade é a mais significativa para uma pesquisa em meio digital, já que a internet não tem hora para acontecer, como no caso das reuniões presenciais dos grupos MADA. A qualquer momento é possível observar as nuances dos processos de subjetivação dos perfis na rede. No caso das MADA, os dois grupos apresentam uma grande concentração de postagens no período noturno, seguido pelo período vespertino mas, diariamente postagens novas apareciam, restabelecendo a lógica de funcionamento do grupo.

Essa lógica - permeada por esses encontros em um espaço sem uma temporalidade individual determinada - reforça o que Miller (2011) entende ser uma nova maneira de restabelecer as relações sociais perdidas, o que podemos compreender, no caso das MADA, também em virtude de sua condição enquanto tal. Como se poderia imaginar a priori, o compartilhamento de experiências em torno de uma “experiência maior” comum não se perde, mas adquire outros significados e formas de acontecer, a partir da eliminação da distância física entre as pessoas.

Minha conclusão é que o segredo do Facebook o sucesso, junto com o de redes sociais semelhantes, não está em mudança, mas em conservadorismo. Acima de tudo, o Facebook é realmente bastante literalmente uma rede social. Sua importância reside em sua percepção e capacidade real de reconstruir relacionamentos, especialmente dentro famílias e com amigos ausentes, que foi desaparecendo gradualmente afastado devido ao atrito de outros aspectos da vida moderna, como aumentar a mobilidade. O Facebook ajuda em alguma medida a reverter este declínio na socialidade e reparar o que é visto como o dano influenciada pelas pessoas por essa perda de relacionamentos íntimos. Então o atributo mais importante do Facebook não é o que há de novo nele, mas o grau em que parece nos ajudar a retornar ao tipo de envolvimento em redes sociais que acreditamos ter perdido. (MILLER, 2011, p. 2017).

Conforme indica o autor, há uma especificidade com relação ao *Facebook*, pois essa é uma plataforma que congrega uma diversidade maior de ferramentas de interação, como imagens, arquivos e espaço para escrita de textos consideravelmente extensos em comparação à outras plataformas. Nos grupos pesquisados é possível baixar diversos livros relacionados às temáticas em torno das MADA.

Diante de todas essas considerações a respeito dos elementos e da dinâmica dos grupos pesquisados, foi possível perceber que, ainda que não possam ser considerados grupos de ajuda mútua, *stricto sensu*, as participantes dos dois grupos compartilham suas experiências através das ferramentas disponibilizadas pela plataforma. Essa “fala” é vista por elas como parte importante no processo de reabilitação necessário para a superação do sofrimento advindo da condição de amar demais.

Com a pandemia de Covid-19, praticamente todos nós tivemos que nos voltar para a utilização das plataformas digitais. No caso de um dos grupos pesquisados, ocorreu uma expansão e elas passaram a utilizar outras plataformas para se comunicar. A autonomia de organização dos grupos de MADA é acentuada pelo uso das plataformas digitais e, em especial, o *Facebook*, por causa de características já comentadas anteriormente. Elementos como religiosidade e indicações de procura a profissionais do campo *psi* também ocorrem de forma semelhante ao presencial. Mas busca constante por mudanças no comportamento considerado doentio certamente é o elemento que mais se destaca. Através de comentários, postagens, troca de livros e outros materiais, essas mulheres dão um novo significado à expressão “ajuda mútua”. Essa resignificação, em comparação aos grupos presenciais, certamente perde em muitos sentidos, mas, por outro lado, é através dela que mulheres geograficamente distantes se encontram, conseguem dar sentido aos seus sofrimentos e buscar ajuda.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Mari Luz. **Antropologia encarnada. Antropologia desde una misma.** Papeles del CEIC 12, junio 2004.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Desejos regulados: grupos de ajuda mútua, éticas afetivo-sexuais e produção de saberes.** Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GODBOUT, Jacques; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. 272 p.

HOBBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday.** Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. [Entrevista concedida a] Bruno Campanella. **Matrizes**, São Paulo, V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity, 2011.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. São Paulo: ARX, 2005.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **Diferença sexual: uma questão de poder**. In: SIMPÓSIO DE GÊNERO E LITERATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, I. *Texto apresentado*. ago. 2011. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/diferenca%20sexual.htm>>. Acesso em 25 de outubro de 2020.

PEIXOTO, Mônica M. HEILBORN, Maria Luiza. Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(1): 406, janeiro-abril/2016.

SILVA, Juliana Ben Brizola. **A gangorra do amor: discursos sobre gênero, saúde e emoções na instituição MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas)**. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVA, Mercedes Duarte. **“Amar demais”: uma análise sobre a patologização do comportamento amoroso feminino em contexto de grupos de ajuda mútua e de produção de saberes**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.

SOSTER, Carlos Alberto; NEUMANN, Stefanie Scheila; CARDOSO, Cassandra. Coesão em um grupo de apoio a mulheres com câncer de mama. **Revista Psicologia em foco**, v. 5, nº 5, 2013, p. 116 - 133).